

RESISTÊNCIA E A LITERATURA DE AUTORIA MULHERES INDÍGENAS: estudo da poética de Graça Graúna e Faumelisa Manquepillan *RESISTANCE AND LITERATURE AUTHORIZED BY INDIGENOUS WOMEN: study of the poetics of Graça Graúna and Faumelisa Manquepillan*

Larissa Fontinele de ALENCAR¹  

RESUMO: Este trabalho objetiva a apresentação de um panorama sobre os estudos da resistência a partir dos poemas publicados por mulheres indígenas das etnias Potiguara (Brasil) e Mapuche (Chile). A literatura de resistência é um campo da teoria literária que emerge em contextos de autoritarismo, estados de exceção, situações de barbárie, traumas ou ainda que tematizam tais condições sócio-históricas e psicológicas. As literaturas indígenas trazem em seu bojo formas de resistências aos domínios das práticas hegemônicas discriminatórias advindas de uma percepção colonizadora que ainda persiste mesmo na contemporaneidade. Diante disso, observaremos as literaturas feitas, Graça Graúna e Faumelisa Manquepillán Calfulo, poetisas que através da palavra transcendem a resistência sob a ótica tanto de gênero quanto de identidade étnica. Como pressupostos teóricos, utilizamos Bosi (2000; 2002), Graúna (2013), Lugones (2008; 2014), entre outros. Através deles, observaremos também a resistência literária sob a luz do feminismo de perspectiva decolonial. Assim sendo, uma das contribuições deste trabalho é a junção da literatura de resistência às literaturas indígenas, agregando-se a esse campo uma narrativa outra, de fonte decolonial que atravessa corpos e textos que foram, durante muito tempo, excluídos dos estudos literários.

PALAVRAS-CHAVE: Literatura; Resistência; Indígena; Mulheres.

ABSTRACT: *This work aims to present an overview of resistance studies based on poems published by indigenous women from the Potiguara (Brazil) and Mapuche (Chile) ethnicities. Resistance literature is a field of literary theory that emerges in contexts of authoritarianism, states of exception, situations of barbarism, trauma or that thematizes such socio-historical and psychological conditions. Indigenous literatures bring within them forms of resistance to the domains of discriminatory hegemonic practices arising from a colonizing perception that still persists even in contemporary times. In view of this, we will observe the literature produced, Graça Graúna and Faumelisa Manquepillán Calfulo, poets who, through words, transcend resistance from the perspective of both gender and ethnic identity. As theoretical assumptions, we used Bosi (2000; 2002), Graúna (2013), Lugones (2008; 2014), among others. Through them, we will also observe literary resistance in the light of feminism from a decolonial perspective. Therefore, one of the contributions of this work is the joining of resistance literature to indigenous literatures, adding another narrative to this field, from a decolonial source that crosses bodies and texts that were, for a long time, excluded from literary studies.*

KEYWORDS: *Literature; Resistance; Indigenous; Women..*

¹ Doutorado em Estudos Literários pelo Programa de Pós-graduação em Letras (PPGL) da Universidade Federal Pará (2018-2022). Atualmente é professora pela Secretaria de Estado de Educação do Pará. E-mail: larissafontinelle@gmail.com

Introdução

A literatura de resistência é um campo da teoria literária que estuda as literaturas que emergem em contextos de autoritarismo, estados de exceção, situações de barbárie, traumas ou ainda que tematizam tais condições sócio-históricas e psicológicas. As literaturas indígenas da América Sul, de maneira ampla e resumida, trazem em seu bojo formas de resistências aos domínios das práticas hegemônicas discriminatórias advindas de uma percepção colonizadora que ainda persiste mesmo na contemporaneidade.

Diante disso, observaremos as literaturas feitas por mulheres indígenas das etnias Potiguara e Mapuche, respectivamente, Graça Graúna e Faumelisa Manquepillán Calfuleo, poetisas que através da palavra transcendem a resistência sob a ótica tanto de gênero quanto de identidade étnica. Como pressupostos teóricos, utilizamos Bosi (2002), Harlow (1987), Lugones (2008), entre outros.

Assim sendo, uma das contribuições deste texto é a junção da literatura de resistência às literaturas de autoria de mulheres indígenas, de dois grupos étnicos específicos, agregando-se a esse campo uma narrativa outra, de fonte decolonial que atravessa corpos e textos que foram, durante muito tempo, excluídos dos estudos literários.

As literaturas de resistências e as escrituras de mulheres indígenas

Saúdo as minhas irmãs
de suor, papel e tinta
fiandeiras
guardiãs
tecendo o embalo da rede
rubra ou lilás
no mar da palavra
escrita voraz

Saúdo as minhas irmãs
fiandeiras
tecelãs
cantando a uma só voz
o que nós sonhamos
o que nós plantamos
no tempo em que a nossa voz
era só silêncio (GRAÚNA, Graça, 2001, p. 24)

Adentrando poeticamente pelo território das literaturas de resistências e escrituras de mulheres indígenas, atravessamos o poema *Retratos* da escritora Graça Graúna, de origem Potiguara, para compreendermos que as resistências são de vozes ancestrais e epistemes que

corporificam o ser mulher indígena, irmãs que fiam e tecem sonhos e plantações de futuro, transitam por paragens que ressoam ecos de outras vozes.

Afinal, mulheres em todo mundo, passam por processos colonizadores, umas há milênios, outras por pouco mais de cinco séculos, caso das mulheres latino-americanas que sobrepostas às imposições institucionalizadas pelo patriarcado, pelo Estado e pelo sistema econômico capitalista, nos excluem à medida que somos hegemônicas, sem identidade e sem cultura. Por isso, resistir para a mulher indígena não é apenas um ato necessário para a libertação, mas sobretudo para garantir a sua identidade, ancestralidade e sobrevivência. Portanto, há resistência em suas escrituras literárias.

Ao tratarmos sobre a ideia de resistência aplicada a literatura devemos ponderar, de acordo com Alfredo Bosi (2002), que pode ser tanto parte integrante da temática, quanto parte de um processo inerente à própria escrita. Assim, podemos situar que as produções dos grupos étnicos podem ser denominadas de literatura de resistência, tanto por estarem tematicamente atreladas a ideia de resistir quanto serem intrinsecamente marcadas pela escritura.

Levando em consideração que povos originários passaram por processos de colonização que envolvem autoritarismo e violência, compreendemos que a produção de autoria indígena está inscrita sob o código da resistência, assim como a literatura de autoria de mulheres, que na contemporaneidade insurge uma produção que fora simplesmente ignorada na historiografia da literatura, especialmente, no Brasil.

A pesquisadora de literatura comparada e das literaturas pós-coloniais, a estadunidense Bárbara Harlow teve seu estudo seminal, *Resistance Literature*, publicado em 1987, foi um dos primeiros trabalhos a examinar a ficção produzida durante as lutas de libertação nacional no terceiro mundo e se tornou uma das referências de base para a denominação específica das literaturas que ousam resistir a sistemas de opressão. Harlow (1987) usa o termo literatura de resistência para definir textos literários que possuem características que estão envoltas na ideia de luta contra opressão e que, por sua vez, são marginalizados por não fazerem parte da cultura hegemônica.

Nesse sentido, a literatura de resistência, portanto, rompe com as leis da literatura da elite conservadora, canônica e exclusiva para tentar alcançar uma outra forma de olhar o universo literário, através dos olhos dos que foram e ainda são oprimidos direta e indiretamente por regimes totalitários ou que representam um ponto de vista hegemônico.

Por isso, é de suma importância pensar a arte de resistência feitas pelos povos originários que se expressam em torno do significativo exercício de repensar uma outra história, desta vez, sob

um ângulo que favoreça a enunciação da ancestralidade, do conflito, do trauma diante do contexto indígena de autoafirmação e autoexpressão étnico-identitárias.

Por este ângulo, a resistência, apontada por Bosi e Harlow, nos direciona a abranger as tensões que são geradas pelo embate entre as relações de opressão, como o colonialismo/colonialidades em que o dominador subjuga os povos originários a uma categoria de subalternidade. Na contemporaneidade, há a insurgência de textos propulsores de novas literaturas, outras narrativas e outras formas poéticas de expressão da subjetividade, fazendo com que a existência se faça resistente em um mundo que ainda tem limites impostos por inúmeras formas de opressão.

Na esteira do pensamento sobre uma existência em resistência, nos aproximamos do conceito no âmbito dos estudos decoloniais. No artigo publicado em 2008, por Ramón Grosfoguel e Walter Mignolo, sobre uma breve introdução as intervenções decoloniais, em que tratam sobre as bases do pensamento decolonial, e ativam as vozes diante dos silêncios produzidos por uma forma eurocentrada de saber. Assim ponderam que:

De modo que cuando decimos «decolonialidad» y por ello significamos el tercer término del complejo modernidad/ colonialidad/ descolonialidad, estamos significando un tipo de actividad (pensamiento, giro, opción), de enfrentamiento a la retórica de la modernidad y la lógica de la colonialidad. Ese enfrentamiento no es sólo resistencia sino re-existencia, en el sentido del pensador, artista y activista colombiano Adolfo Albán Achinte. (GROSGOQUEL & MIGNOLO, 2008, p. 34).

A partir dessa ponderação, compreende-se que, para empreendermos em um giro nas epistemes e nos discursos, é preciso sobretudo “re-existir”, promover uma nova forma de conceber os mundos como contra coloniais.

Segundo o pensador contemporâneo das Artes da América Latina Adolfo Albán Achinte, que busca firmar estéticas e pedagogias da re-existência, as Artes são como reflexões permanentes, e não meramente objetos artísticos. De tal modo, que as Artes devem auxiliar a ampliação das discussões e denúncias em torno da exclusão social, da racialização, da reafirmação de estereótipos, do autoritarismo, da violência genocida e de tantas outras formas de opressão que atingem os povos subalternizados.

Desta forma, o rastreamento da memória, da ancestralidade, das cosmogonias dos povos originários e combater todas as formas de racismo, devem ser desígnios das artes decoloniais na contemporaneidade colaborando para a construção de outros sentidos de nossa existência. Por este caminho, a ideia de re-existência proposta por Achinte (2013) expressa as formas como as

comunidades originárias recriam suas visões de mundo material e imaterial e, a partir disso, enfrentam as desigualdades, resistindo através do seu próprio ser e estar no mundo.

É partindo dessas acepções que nos propomos pensar sobre a resistência enquanto existência, partindo de um princípio decolonial, para pensarmos nas literaturas feitas pelos povos originários sob o âmbito da existência e da resistência que confronta padrões e dá vazão às subjetividades que atravessam a mulher indígena de diversos grupos étnicos.

É diante desse panorama que emergem as literaturas de resistência, no giro decolonial, em que questões de gênero e étnicas são postas em xeque. Diante desse contexto, em 2008, com a publicação do ensaio *Colonialidade e Gênero*, a pensadora argentina María Lugones (2008) dá um passo à frente para inserir a concepção de que o sistema de gênero também é parte fundante do discurso do colonizador, balizador da classificação de quem pode ser considerado como humano. Esse é um marco importante para entendermos sobre as interseccionalidades entre classe, gênero, raça e sexualidade, principalmente para percebermos as violências sofridas por “mulheres de cor”, termo empregado de acordo com Lugones (2008), que designou o conceito Sistema de Gênero Moderno/Colonial, em que toda a formas de controle do sexo, produção de conhecimento a partir das relações intersubjetivas, relações de trabalho e autoridade existem em conexão com a colonialidade.

Diante disso, mulheres indígenas são violentadas em diversos âmbitos da sua existência, é o que observaremos em muitos textos literários escritos por mulheres indígenas de diversas etnias brasileiras, em que suas relações étnicas estão engendradas ao corpo. Nesse ponto, percebemos uma fratura exposta sob outra fratura, um desvio do desvio, sob uma gama de opressões que garantem a permanência da resistência. O que nos leva a reflexão de que a literatura de resistência não está associada a eventos históricos específicos, datados e bem definidos, mas sim inserida em um contexto maior de opressão.

Portanto, quando observamos os textos literários dos povos originários como uma literatura de resistência ampliamos o conceito para uma situação complexa e sistêmica que está para além de um contexto geopolítico e histórico específico, mas que advém de todo um processo de colonização que perdura ao longo de séculos, e que se reestrutura em outras estâncias de poder.

Intersecções da resistência entre Potiguara e Mapuche

Para compreendermos melhor sobre a resistência nas produções literárias de autoria de mulheres Potiguara (Brasil) e Mapuche (Chile), é importante levarmos consideração alguns aspectos gerais, mesmo que brevemente, sobre a história, a cosmovisão e a cultura de cada grupo étnico, assim como sobre a escritura das autoras selecionadas para a composição desta corpora literária: Graça Graúna (Potiguara / Brasil) e Faumelisa Manquepillán (Mapuche / Chile).

De modo geral, é muito importante ponderar, que todos os povos originários do continente americano passaram pela violência do projeto colonial de conquista por parte dos europeus, o que gera um trauma compartilhado por todos. Com a nação Potiguara no Brasil e com a nação Mapuche no Chile e Argentina não é diferente, ambas passam por circunstâncias de opressão que atravessam corpos indígenas até os dias atuais.

Apesar das distâncias geográficas entre Potiguara e Mapuche, percebe-se as proximidades que se interseccionam pela dor, pela resistência, assim como, pela resiliência. Entre autoras selecionadas, ambas professoras, ambas ressignificando através de poemas e da arte indígena traduzem em palavras postas no papel as metáforas para a vida, mais que sobrevida.

Diante disso, parte da produção literária de mulheres indígenas no Brasil se dá por autoras que se auto identificam como pertencentes ao grupo étnico Potiguara, com raízes ancestrais em parte dos que hoje habitam a região litorânea do nordeste brasileiro, mais especificamente a região da Paraíba.

Por muito tempo, o povo originário Potiguara foi considerado como extinto por ter sido totalmente assimilado ou dizimado pelos processos de colonização. O genocídio indígena na região Nordeste foi tão intenso que há a ideia no imaginário brasileiro de que não teriam mais indígenas naquela região. No entanto, a luta identitária destes povos fez com que o número de habitantes que se autodeclararam como remanescentes Potiguara aumentasse na contemporaneidade. Diante desse contexto, é importante pensarmos, em como se faz uma literatura de resistência indígena a partir da ressignificação da sua própria existência. Possivelmente, através da reconstrução cultural que reativa sua ancestralidade, após séculos de trauma colonial.

Duas escritoras que se consideram Potiguara são pioneiras na literatura indígena brasileira, Eliane Potiguara e Graça Graúna, ambas passaram pela expropriação do território de seus ancestrais e, conseqüentemente, pelo processo de migração e pela superação através da educação. Elas

reconfiguram seus laços ancestrais por meio da criação literária, como mulheres indígenas que possuem identidades que compreendem a coletividade originária.

Graça Graúna nasceu na vila de São José do Campestre, estado do Rio Grande do Norte, também conviveu a infância com a sua avó materna Conceição Amador. Como escritora publicou duas coletâneas de poemas, *Canto Mestizo*, em 1999, e *Tessituras da Terra*, em 2001. Em 2007, Graça Graúna teve a obra *Tear da Palavra* publicada na Coleção Mulheres emergentes, coordenada por Tânia Diniz que liderou um movimento literário prol de publicações de autoras brasileiras. No prefácio, intitulado *Uma explicação necessária*, Graça Graúna escreve poeticamente sobre a necessidade da criação literária como forma de se fazer ouvir e assim cultivar a expressão, e direito de existir e resistir: “[...] não haveremos de cair nas armadilhas da falta de solidariedade, do isolamento, do preconceito, da fome, da miséria, da violência generalizada, das injúrias, dos desafetos e de tantos outros problemas que atingem a nós todos(as) [...]”. (GRAÚNA, 2007, p. 03)

O ato da criação literária de origem indígena é o lugar em que habita a (re)construção da identidade, como um processo de resiliência em busca da ancestralidade negada pela exploração colonial e capitalista. Após essa contextualização sobre o povo Potiguara e suas representações literárias, partimos para entendermos melhor sobre o povo Mapuche.

É de conhecimento geral que, assim como aconteceu com povos indígenas do nordeste brasileiro, incontáveis povos das regiões dos Andes foram duramente exterminados pelos espanhóis, ou foram extintos já no século XIX e XX pelos governos do estado nação chileno e argentino. Os Mapuche foram uns dos poucos que permaneceram e fizeram larga resistência no decorrer dos séculos de colonização espanhola naquela região, como pontua o historiador chileno José Bengoa (2000) que afirma que os Mapuche se mantiveram independentes da Espanha por 260 anos.

Um dos episódios históricos documentados de maior barbárie perpetrada pelo estado chileno, de acordo com Bengoa (2000) ocorreu entre os anos de 1850 e 1883, período em que se concentrou a chamada *Pacificación da la Araucanía*, que se tratou de uma campanha com forças militares destinadas a expropriação do território ao sul do rio Bío. De modo geral, o território mapuche perdeu espaço para os empreendimentos de madeireiros e outros custeios do governo ultraliberal chileno.

Mesmo na atualidade, o principal conflito mapuche ainda é a questão da propriedade da Mapu/terra, afinal as territorialidades constituem a gênese da cosmovisão indígena e histórica da autonomia do povo. É de suma importância mencionar que os Mapuche sofrem represálias

políticas, são considerados como terroristas, pois mesmo após a ditadura militar, os governos chilenos mantêm e aplicam a Lei Antiterrorista nº 18.314, que age exclusivamente contra representantes e ativistas mapuches, basicamente a lei condena todo o mapuche que se manifesta em contraposição às arbitrariedades e conveniências do estado. Só por este fato já devemos considerar, que ser mapuche em Chile, é ser considerado terrorista, sendo que há um largo percentual de habitantes dos Chile que se autodeclaram mapuches.

Sendo assim, a literatura, neste contexto de extrema repressão, é válvula de escape de vozes que resistem diante de um viés político. Escritores e poetas orais mapuches, de modo geral, tensionam o canto ancestral e recriam a partir de elementos da sua própria história de luta, do passado que se reflete no contemporâneo e se projeta para o futuro.

A produção poética de mulheres mapuches se intensifica nos anos 2000 com inúmeras publicações além de muitas antologias que trazem em seu bojo não só os poemas, como também articulam textos acadêmico-científicos sobre essas produções, em um desses García (2010) mostra o heterogêneo campo da poesia mapuche em que se pode observar pelo menos quatro linhas discursivas: o discurso poético de contingência, a memória ancestral, a enunciação em conflito e as referências socioculturais do povo Mapuche.

Ainda de acordo com García (2010), em 2010 a Revista Pentukun, traz uma compilação de autores recentemente publicadas, dentre elas dá destaque a Faumelisa Manquepillan, que publicou seu primeiro livro *Zomo Pewma / Sueño de mujer*. Faumelisa Manquepillán, nasceu em 1960, em Puquiñe, uma pequena vila de Lanco, ali cresceu e vive até os dias de hoje juntos com seus familiares, talha esculturas em pedras e madeira da região e escreve poesias. Como educadora tradicional, ministra aulas para as crianças mapuches que vivem em Puquiñe, transmitindo os saberes ancestrais através da educação escolar. Na escola rural Puquiñe Bajo, em Lanco, próximo a sua casa, em que ministra aulas teóricas e práticas sobre a cultura mapuche, em uma educação intercultural, com artesanatos, música, poesia, dança e o ensino do bilingue do espanhol e do mapudungum (idioma tradicional mapuche).

Diante de todo esse contexto, devemos ressaltar que desde tempos imemoriais a humanidade se expressa através dos versos, inúmeros tratados poéticos ocidentais tratam sobre essas questões. No entanto, as expressões literárias dos povos originários são consideradas como expressões do folclore, manifestações populares, o que implica em resguardá-las em um espaço marginal no campo literário.

Faz parte também dos planos do colonialismo e suas colonialidades mantê-las subjugadas ao silêncio da subalternidade. Com as expressões literárias Potiguara e Mapuche também não foi diferente, o projeto colonial exerceu forte apagamento dos cantos ancestrais, porém foram recuperados através das gerações. E escritores contemporâneos imbuídos da necessidade de expressarem sua identidade étnica promoveram os registros dos textos e compuseram os de autoria própria.

Poemas da resistência de Graça Graúna e Faumelisa Manquepillán

Diante da contextualização apresentada no tópico anterior, a escrita literária de autoria de mulheres indígenas é como lugar de reconstrução identitária, de busca pela ancestralidade, empaticamente sensível aos outros e, ao mesmo tempo, passível de ser vista como um processo de sensibilidade aberta a resiliência como forma de resistência, superação e enfrentamento do trauma colonial.

Nesse sentido, partindo dessas ideias, nos propomos observar sobre a resistência enquanto método de análise de textos literários a partir da recorrência poética de elementos que constituem matizes de significações que refletem sobre as questões étnicas e identitárias, assim como as questões pertinentes em torno da relação ancestralidade e memória que compõem o tecido das literaturas feitas pelas mulheres pertencentes aos povos originários em questão.

Esse tecer de palavras que se complementam na literariedade compõem o horizonte de significações que poemas transcendem no todo significativo das relações de resistência. A escrita por si só é um ato de resistência para os povos originários, tecer a escritura em arte literária é um tema recorrente para as autoras em questão, no poema *Entre-lugar*, de Graça Graúna, do livro *Tear da palavra*, o eu-poético reflete “pelo direito de sonhar e tecer a vida; o respeito às diferenças e o direito de cultivar a liberdade de expressão, sempre” (GRAÚNA, 2007, p. 01). Vejamos o poema na íntegra:

De um lado
a palavra
do outro
o silêncio
estreado realidades conhecidas.
A pá lavra o abismo
que vai de mim
ao outro. (GRAUNA, 2007, p. 20)

O entre-lugar que compõem a atmosfera poética do texto habita o espaço-tempo entre a autoria e a palavra, como um abismo que, mesmo no vazio, o eco impulsiona os sons que formam os sentidos sobrepostos de realidades vividas. O poema, em sua metalinguagem, tece sobre si próprio e entretetece sobre as camadas do outro, em plena necessidade de se inscrever e, assim, ousar fazer parte da existência.

Nota-se a menção “a pá lavra o abismo”, lavrar o abismo com a palavra é dar sentido ao vazio, às profundezas do nada, fecundar lavrando, e por assim dizer, tecendo, como em um ato sagrado de quem precisa cuidar, cultivar e ponderar sobre o caos e, assim, quem sabe construir pontes de sentido sob o abismo de si ao outro, no complexo parâmetro da alteridade.

Em outro poema de Graça Graúna, *Escritos*, traz em si a ideia plena das pontes de significação entre o abismo de si ao outro como memória da dor que transcendem em escritos de gozo. Vejamos:

Se me ponho a juntar
escritos de gozo
raízes de abraços

bem sei:
não é apenas saudade
ou mesmo lembranças
a dor que me cerca

é algo mais forte
que o tempo da distância
não alivia, nem basta. (GRAÚNA, 2001, p. 21)

Saudades, lembranças, tempo da distância não aliviam ou bastam para definir a dor. O poema, mais que o eu-poético, se define na ancestralidade recuperada pelos escritos de gozo e as raízes dos abraços, captura na ausência da palavra a própria definição do que o compõe, o tecer do texto, o ato da criação que transcende o próprio ser e as suas vivências.

Por isso que a tessitura da escrita poética se faz em latência de sentidos que pressupõem dores e gozos. Assim, também é no poema *Sentires*, de Faumelisa Manquepillán, que transborda as camadas poéticas em sobreposição das próprias angústias, ansiedades e rancores.

*Yo no puedo hacer versos
como quisiera,
sólo expreso un sentir,
dulce quimera.*

*Siento en el pecho a veces
penas profundas,*

*vienen luego alegrías,
dulces, fecundas.*

*Yo no puedo decir
qué es lo que siento,
sólo que tiemblo a veces
sin que haya viento. (MANQUEPILLÁN, 2002, p. 14)*

Essa metapoesia nos remete às sensações de contemplação do ser através do ato criador. Além dos versos como expressão de liberdade de escrita, escrever o que sente e tremer, simplesmente na ânsia dos sentidos que atravessam as palavras, talvez seja esta a sensação orgânica da escrita. É necessário expressar, deixar formar palavras no abismo para dar conta do poema. A escritura marcada pela resistência se faz presente pela ousadia de se pôr inscrita em exposição de sentimentos.

Nesse sentido, é importante percebermos os percursos poéticos que tecem a escritura por meio das dores do trauma colonial provocado pelo genocídio indígena, sob o viés da morte. Por certo, este talvez seja o ponto mais doloroso das reflexões poéticas suscitadas pela escritura de mulheres indígenas.

A morte para os povos originários tangencia inúmeros saberes ancestrais, cada grupo étnico possui um modo de interpretá-la, mas em comum a todos os grupos são os modos como as colonizações europeias provocaram genocídios e epistemicídios. O poema *Sueños*, de Manquepillán, tematiza o tipo de morte que é recorrente entre os jovens mapuches, identificados Matías Catrileo e Alex Lemun, a morte provocada pela necropolítica² do estado:

*Hoy soñé...
A la madre de Matías Catrileo
Entre las sombras de la muerte,
Buscando a su hijo para resucitarlo
Entre otros miles cuerpos mutilados.
Mas allá estaba la madre de Alex Lemun.
La soné sembrando en los cerebros de otros hijos,
La semilla de la resistencia.
¡Habrà frutos!! Gritaba...
Porque en nuestra estirpe está la victoria.
Ellos gritarán Marrichiwew. (MANQUEPILLÁN, 2017, p. 14)*

São marcas profundas que são metaforizadas nos poemas de forma em que a resistência se faz ainda mais presente pela importância em existir, mesmo sob opressão mesmo sob a égide da

² O pensador camaronês Achille Mbembe (2018) reflete sobre a vida e a morte diante de contextos coloniais e neocoloniais. A partir disso, tece a discussão sobre as práticas de dominação do Estado, através de discursos e práticas excludentes de uma política que faz insurgir inúmeras formas de autoritarismo, violência e genocídio: a necropolítica.

morte. A existência não finda quando se morre quando se está em resistência, como prova os jovens mortos pelo estado Matías Catrileo e Alex Lemun.

O sonho transcende o existir e os mantém vivos, portanto, sonhar também é resistir. Pois, assim, dos mortos vingarão as sementes da resistência, que permitem-se ecoar o canto ancestral da resistência mapuche: *Marrichiwew!* (do Mapundugum, significa cem vezes venceremos).

Assim, outras formas de resistência se apresentam, porque para um outro sentido a morte é o despertar da consciência da opressão. As literaturas indígenas na contemporaneidade marcam ancestralidade e morte como ressignificação através da resistência da palavra, como arma de libertação das opressões e como grito que reverbera os cantos ancestrais dos quéchuas, nahuas, tupi-guaranis, mapuches, aymaras, potiguaras, macuxis, kambebas, innues, mayas, e tantas outras manifestações de existências que foram apagadas pela Modernidade/ Colonialidades, porém nunca perdidas.

O poema de Graça Graúna, *Era uma vez...*, faz uma referência metafórica ao conflito da tomada das terras indígenas pelo projeto colonial eurocêntrico que transformou o território:

Um pernil de carneiro retalhado em fatias
aos que foram chegando
cada vez mais estrangeiros.

No vai-e-vem de troncos
quantas nações em prantos!
E os homens-daninhos seduzindo a taba.

grávidos de malícia
sedentos de guerra
dançam a falsidade
esterilizam a festa.

De quinto a quinhentos
o ouro encantou-se.
Plastificaram o verde
pavimentaram o destino.

E foi acontecendo
e escurecendo,
mas de manhã, bem cedinho

além da Grande Água
vi um curumim sonhando
com Yvy-Marãey formosa. (GRAÚNA, 2007, p. 31)

Território em retalhos, dividido, limitado pelo domínio do poderio bélico dos estrangeiros, sedutores homens-daninhos na sanha do poder. As marcas do genocídio de nações indígenas em prantos pelas atrocidades cometidas pelo colonizador. A primeira imagem desenhada pela escrita remonta um pernil de carneiro retalhada, que compreende a imagem de uma carne biblicamente posta em oferta de reparação aos deuses do Antigo Testamento. Ou ainda pressupõe uma relação com a imagem da terra supostamente recém “encontrada” / “descoberta” pelos europeus, a chamada América.

Ao contrário do que convencionou o mapa-múndi, se invertido a imagem desenhada da América lembra simbolicamente o pernil de carneiro esfacelado e, como diz no poema, dividido para o gozo e deleite dos que se servem, ou ainda, metaforicamente terra entrecortada por limites que dividem entre os homens-daninhos a sua sanha de ganância e estupidez de uma pretensa superioridade.

Graúna remonta os tempos ao trazer à tona a malícia, a falsidade, a ânsia pela guerra e pela detenção das riquezas que aquelas terras representavam. Metáforas que entregam a ideia de Colonialidades que se perpetuam sob o corpo-indígena. O que antes se fazia em festa, agora a festa já é infértil, sem os mesmos preceitos de cura e fé na natureza, a festa se faz estéril, sem sentido, sem futuro. Plastificam-se e pavimentam-se os caminhos para a futuro. Marca desenvolvimentista que, sob a verve de um pretenso progresso, só deteriora a realidade pulsante dos povos indígenas, dor e morte que esfacelam o ser.

Cabe-nos pensar em uma esperança, em uma ânsia de vida e existência de quem precisa vislumbrar um horizonte de futuro, através de um sonho de criança, um curumim a vislumbrar o começo do dia, a avistar um novo tempo, de Yvy-Marãey, ou seja, a Terra sem Males para os tupi-guarani, a busca ancestral pela terra em que viver seria melhor: com uma terra fecunda, sem doenças, abastecida de bonanças e sem a presença dos que corrompem e degeneram a vivência indígena.

Desta forma, Yvy-Marãey é como um futuro reservado em uma natureza plena com a Mãe Terra, o sonho e a utopia da criança que olha o horizonte em busca de esperança ante o caos perpetrado pelo colonizador. Os caminhos trilhados em procura de Yvy-Marãey formosa nos conduzem até a contemporaneidade na ânsia de futuro.

Segue por Faumelisa Manquepillan, no poema que abre o livro, *Me eleva el viento*, essa ânsia do vindouro que movimenta pela memória e que correspondem ao universo, a natureza, o movimento que eleva o eu-poético:

*Me lleva, me eleva el viento,
Como hoja en movimiento
Y voy guardando en la memoria
Los mandatos del universo. (MANQUEPILLÁN, 2017, p. 18)*

São por estes caminhos que Manquepillán percorre pelos séculos que seu povo resiste, no vento e no movimento que seus ancestrais ressoam. No poema, *Kalfulewfu*, nos traduz a base poética da ancestralidade que habita o corpo indígena desde tempos imemoriais. O título do poema remete ao seu sobrenome em mapudugum, que significa neta dos rios azuis. Como parte integrante da natureza o ser mapuche se sente integrado a matéria e espírito que habita o território.

*Vengo milenaria,
De tiempos imperecederos,
Marcada en mi sangre,
Estirpe, linaje, espíritu,
Cuerpo, herencia y lengua.
Avanza, me dicen mis antiguos.*

*Busca tus propios soles,
Que venga, que vengan mis días, mis noches, mis pewma.
Kafulewfu abuelo río azul,
Entrégame la voz, la palabra, la piedra,
Los sueños. (MANQUEPILLÁN, 2017, p. 26)*

O sangue traz a marca da sua linhagem ancestral, originária da gente da terra que através do corpo, língua e herança transcendem na palavra, como sementes de resistência que registradas são vivas e pulsantes de futuro, sementes-palavras que preservam a vida e através do canto ancestral tecem conexões com o universo. Sobretudo, através da *pewma*, o sonho. Talvez o mesmo sonho que conecta a ânsia do futuro Potiguara, através de um lugar Yvy-Marãey, pelo direito de sonhar e tecer a vida plena.

Na mesma pegada ancestral que trilha caminhos do eu-poético, o poema *Devenires*, percorre formando do corpo a natureza e da natureza o próprio corpo. A relação intrínseca entre o ser e os elementos naturais que o compõem:

*Que de entre mis manos
se críen raíces de ñocha, kila y pilpil boqui.
Que de mi ombligo las raíces de hualles, ulmos y laureles tomen fuerzas.
Sean macetas de manzanos, araucarias y castaños
con panales mis pezones.
Que mis pómulos sean semilleros de chilcas,
copihues y de natres.
Que de mis brazos crezcan abundantes coligües, radales y melíes.
Que mis ojos sean guarida de culebras, peces, sapos y lombrices.
Que mis piernas sean pilares de piedras y tierra firme*

*donde corran torrentes de ríos y de mares.
Que entre mi monte pélvico que es espesura de bosques,
aniden todos los pájaros del mundo y que no pare el devenir de la existencia.*
(MANQUEPILLÁN, 2017, p. 48)

Poesia, ser, natureza, intrinsecamente atrelados a harmonia do pensamento originário, ancestral. Há inúmeras formas de se existir em nosso planeta, e é importante que se reconheça possibilidade de um mundo em que a base econômica e política seja a exploração dos corpos, no consumo desenfreado da natureza, a angústia do ser, o cansaço e a ganância que desorganizam o mundo, para que não pare o futuro da existência. E só através de processos de resistência poderemos vislumbrar esperança e gerar expectativas positivas para o tempo vindouro.

Portanto, apesar das histórias angustiantes, sobretudo de mulheres indígenas que são seus próprios corpos-território, precisamos escaparmos dessa sina exploratória para sinalizarmos um futuro possível, a partir da nossa ancestralidade. Talvez, seja essa a mensagem emanada nos textos de autoria indígena em que somente a força da identidade e da ancestralidade de cada ser poderá criar formas de resistência contra as opressões. E, como um suspiro em meio ao caos, as Artes e as Literaturas dos povos originários resistem.

Considerações Finais

Answer

*Yes, sir.
We have indigenous blood
We have ebony sweat
We have mestize tears.*

*Yes, sir.
Nessa mistura
Caminhamos fortes. (GRAÚNA, Graça, 2001, p. 37)*

Quantas línguas podem representar o colonizador? *Answer*, de Graça Graúna, vem com essa resposta. A face colonial está impressa em várias camadas na sociedade, e a língua é uma delas. Do inglês, do espanhol, do português e de tantos outros idiomas que se impuseram colonialmente a ponto de apagar, quase que por completo, os sentidos da ancestralidade de cada povo originário. Nesse trânsito da linguagem está a expressão literária, que no fluxo dos versos e na cadência rítmica das sonoridades que contrapõem significativamente “*indigenous blood*” e “*mestize tears*” que ressoam sob a memória ancestral.

Pela ancestralidade, pela retomada de territórios, pela necessidade contemplação da diversidade e, especialmente, pela resistência e existência indígena de mulheres Potiguara e Mapuche que se deve observar com cautela e sem rótulos as marcas literárias da escrita dos povos originários. Que fique em evidência e destaque a importância desses textos para a literatura de modo geral, não como uma literatura folclórica ou panfletária, mas como poemas que agregam um teor de literariedade e arte próprios e, assim, confrontar padrões e visibilizar às subjetividades que atravessam o corpo-território da mulher indígena.

Portanto, de modo geral, pensamos na compreensão dos textos literários produzidos por mulheres indígenas através do pensamento da resistência atrelada a decolonialidade. Devemos considerar, de modo geral, as literaturas de mulheres Potiguara são amálgama temático de questões muito importantes para os povos originários brasileiros. Diante dessa mesma perspectiva, as literaturas das mulheres Mapuche encontram na palavra ancestral a fusão dos temas que expressam a sua condição histórica e subjetiva. Assim, através da arte literária, se fratura a resistência indígena.

Referências

- ACHINTE, Adolfo Albán. **Pedagogías de la re-existencia**. Artistas indígenas y afrocolombianos. In: WALSH, Catherine. *Pedagogías Decoloniais: practicas insurgentes de resistir, (re) existir y (re) vivir*. Quito: Ediciones Abya-Yala, 2013.
- BENGOA, José. **Historia del Pueblo mapuche (siglo XIX-XX)**, 6ª edición. Corrigida, Santiago: Chile, LOM Ediciones, 2000.
- BOSI, Alfredo. Narrativa e resistência. In: _____. **Literatura e resistência**. São Paulo: Companhia das Letras, 2002. p. 118-135.
- GARCÍA, Fernanda MORAGA. **Filigranas poéticas/asedios nómades a la poesía de mujeres mapuche y de origen mapuche**. *Nomadias*, 2010, no 9, p. 225-257.
- GRAÚNA, Graça. **Canto Mestizo**. Rio de Janeiro: Ed. Blocos, 1999.
- GRAUNA, Graça. **Tessituras da Terra**. Belo Horizonte: Edições M.E, 2001.
- GRAÚNA, Graça. **Tear da palavra**. Belo Horizonte: S.n., 2007.
- GRAÚNA, Graça. **Contrapontos da literatura indígena contemporânea no Brasil**. Belo Horizonte: Mazza Edições, 2013.
- GROSGOUEL, Ramón; MIGNOLO, Walter, **Intervenciones decoloniales: una breve introducción**, *Revista Tabula Rasa*, núm. 9, Universidad Colegio Mayor de Cundinamarca, Bogotá, Colombia, julio-diciembre, 2008, pp. 29-37. Disponível em: <http://www.redalyc.org/articulo.oa?id=39600903>, acesso em: 19/10/2020.
- HARLOW, Barbara. **Resistance Literature**, Methuen Co. NY and London, 1987.
- LUGONES, María. **Colonialidad y Género**. *Tabula Rasa*, Bogotá-Colômbia, n.9, julio-diciembre, 2008, p. 73-101.
- MANQUEPILLÁN, Faumelisa, **Lykan Küra ñi purun – Danza de la piedra**, 2017.
- MANQUEPILLÁN, Faumelisa, **Sueño de Mujer/ Zomo Pewma**. CONADI VALDIVIA, 2002.
- POTIGUARA, Eliane. **Metade cara, metade máscara**. Rio de Janeiro, RJ – 3ª edição – GRUMIN, 2018.

Como citar este artigo:

ALENCAR Larissa F. Resistência e a literatura de autoria mulheres indígenas: estudo da poética de Graça Graúna e Faumelisa Manquepillan. **Revista Narrares** – V.1, N.1, Jan-Jun, 2023, pp. 91-107.